



ÚRSULA: UMA DENÚNCIA VELADA¹

ÚRSULA: A VEILED REPORT

José Nogueira da Silva²
Adriana Cavalcanti dos Santos³

Resumo: O presente artigo se deteve a analisar o romance *Úrsula*. Tem-se como objetivo escrutinar a opressão que pairava sobre os negros e as mulheres na época, algo que sua escrita deixa transparecer em meio às tendências narrativas da literatura romântica. A tessitura da análise mostra que a obra em questão é composta notadamente por características da denúncia, no que concerne às opressões sofridas pelas mulheres e às agruras impostas aos negros, antecipando não apenas a literatura de autoria feminina, mas também a afro-brasileira.

Palavras-chave: Romantismo – Autoria Feminina – Racismo

Abstract: This paper has focused on analyzing the novel *Úrsula*, and its objective is to scrutinize the oppression of black people and women of that time, which are issues that her writing reveals amidst the narrative tendencies of romantic literature. The analysis shows that this literature piece is notoriously composed by a report speech, in which contains the oppression suffered by women and the hardships imposed on black people, anticipating not only the literature of female authorship but also the Afro-Brazilian literature.

Keywords: Romanticism – Female Authorship – Racism

As produções literárias de autoria feminina estão presentes em toda a história da humanidade, porém o ostracismo ao qual a mulher ficou relegada foi capaz de silenciar boa parte de sua história. As primeiras ondas feministas surgiram no fim do século XIX, iniciaram-se na Inglaterra quando as mulheres reivindicaram o direito ao voto. Esse movimento gradativamente cresceu não apenas na Europa, mas no

¹ Artigo recebido em 08 de junho de 2019 e aceito para publicação em 05 de outubro de 2019.

² Graduado em Letras (2012). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL – 2016). Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (2019) e Professor do Curso de Letras do Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Didática da Leitura, da escrita e da UFAL (GELLIT). E-mail: nogueiraviola@gmail.com /ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3765-3729>

³ Pós-Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Portugal. Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Didática da Leitura, da escrita e de Literatura (GELLIT). E-mail: adricavalcanti@cedu.ufal.br. <https://orcid.org/0000-0002-4556-282X>

mundo. Com o tempo, muitas estudiosas engrossaram essa fileira, com a ascensão da teoria e da crítica literária.

O presente trabalho busca investigar o romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, publicado em meados do século XIX, obra pioneira não somente pelo fato de ter sido escrita por uma mulher e negra, mas também por abordar questões de gênero e fenotípicas. No caso dos questionamentos referentes à mulher, temos o posicionamento de quem não detinha uma tradição escrita na sociedade, no que se refere à cor da pele, temos as colocações de alguém que representa um grupo no qual os indivíduos sequer eram considerados seres humanos evoluídos, assim, ela nos traz “o discurso do outro fazendo ouvir pela primeira vez na literatura brasileira a voz dos escravizados” (DUARTE, 2004, p. 275). Ao levarmos em conta a complexidade de ambos os temas, decidimos nos limitar a discutir os instantes do discurso que fogem dos padrões patriarcais presentes na literatura romântica da época, passagens denunciadoras da opressão imposta sobre as mulheres. Teremos como principais aportes para o exame do texto o trabalho de Régia Agostinho Silva (2013), *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*; a pesquisa de Adriana Barbosa de Oliveira (2007), *Gênero e etnicidade no romance Úrsula*

A autoria feminina: uma longa caminhada

Nas primeiras décadas do século XX, foi desenvolvida a crítica feminista, destacando-se duas modalidades: uma com o intuito de resgatar a escrita feminina que foi silenciada ou teve sua autoria negada, a outra busca reconhecer, através dos temas, das vozes do texto e até mesmo do estilo, a importância da voz feminina na luta pelo direito a ter reconhecida uma escrita própria, diferenciando-se de traços patriarcalistas que também são encontrados nas obras, no caso.

Durante o século XX, os olhares críticos sobre a literatura, juntamente com o surgimento do avanço dos estudos culturais, proporcionaram o aparecimento de novas óticas na literatura, como a corrente formalista nos anos 20, a estética da recepção, e o *New Criticism*, além de questionamentos a respeito da autoridade do autor sobre a obra e os parâmetros que definem o cânone, nesse caso, as mulheres novamente foram desprivilegiadas, daí a importância de resgatar sua escrita e reivindicar seu espaço perante séculos de ideologias redutoras de seus méritos e caracteres.

O período em que o Movimento Feminista começou ficar mais sólido, organizado e notório correspondeu ao fim do século XIX e início do XX, durante as lutas sufragistas, também serviu para organizar, refletir e valorizar a sua fortuna crítica, como foi o caso da obra *Direito das mulheres e injustiças dos homens* de Mary Wollstonecraft em 1792, na qual defende o direito das mulheres à educação, já que as mesmas eram educadas para atividades voltadas à vida doméstica e ao casamento, ou seja, jamais os papéis de destaque que os homens desempenhavam.

A produção literária de autoria feminina teve maior destaque a partir do início do século XX, a exemplo de Virgínia Woolf (2014), dando ênfase à situação subordinada na qual a mulher é sujeita, como é o caso da obra *Um teto todo seu*, na qual ela aborda o pouco espaço na literatura dado à mulher, entre as várias justificativas para isso destacou a falta de autonomia do mercado de trabalho e também a pouca independência financeira, ou seja, a ausência de um “teto todo seu” para poder estudar, escrever e pensar sem as exigências das obrigações impostas pelo sistema patriarcal.

Anos depois, teve grande relevância à publicação de *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir (1949), na obra, ela elucubra questões de gênero por meio de diversas óticas como a biológica, a psicanalista e a histórica. Por esse viés crítico e interdisciplinar, sua obra aponta para o fato de que a realidade feminina é constituída com o outro e dá relevância para a célebre frase “Ninguém nasce mulher: tornar-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p. 09), sendo ideologicamente, fisicamente e historicamente agredida no decorrer dos séculos.

Durante os anos 90, surgiu o que Bonnici (2007) chama de Terceira Onda Feminista, a qual possui certas inovações, já que a expansão do movimento congrega mulheres de diferentes classes e também de contextos ideológicos distintos, por isso ela traz em seu bojo a necessidade de ampliar o leque e as reivindicações, englobando “a teoria queer, a conscientização da negra, o pós-colonialismo, a teoria crítica, o transnacionalismo” (BONNICI, 2007, p. 252).

As abordagens supracitadas, entre outras, compõem a base da crítica feminista, a qual anseia pela desconstrução de ideologias enraizadas no cotidiano predominantemente patriarcal e levanta questionamentos pertinentes como o apagamento de diversas autoras no decorrer da história, as quais poderiam ter suas obras constituindo os referenciais canônicos, algo que nos faz refletir a respeito dos parâmetros utilizados para referendar os cânones da literatura.

Firmina dos reis: fragmentos de uma vida

O estudo da obra de Maria Firmina dos Reis é inevitavelmente um ato de reescritura da história da literatura brasileira, pois resgata um nome caído no esquecimento, mesmo com um riquíssimo legado literário produzido em um momento de grande repressão ao gênero feminino. As informações ao seu respeito são escassas, mas o pouco que foi recuperado já nos dá autoridade para considerá-la à frente do seu tempo.

Nasceu no dia 11 de outubro de 1825 em São Luís, seus pais foram João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis, aos cinco anos fez mudança para a Vila São José de Guimarães, município de Viamão, próximo a São Luís. Há registros de que sua educação intelectual teve uma forte contribuição de Sotero dos Reis, gramático e primo materno da mesma. Desde os vinte e dois anos, começou a trabalhar na docência quando conquistou um concurso público para a “cadeira de instrução primária” em Guimarães - MA. Segundo Eduardo de Assis Duarte, ela manteve uma atividade intelectual durante toda a vida, seja como professora ou redigindo romances, contos e escrevendo artigos para os jornais (DUARTE, 2004, p. 266).

As fontes a respeito das mulheres, no século XIX, são escritas por homens, segundo Silva (2013), eles detinham a escrita e o espaço público no qual as letras circulavam, tais discursos sobre a mulher eram homogeneizantes, ideologias que ignoravam as diferenças numa busca de naturalizar as normas sociais estabelecidas. Assim, os comportamentos pautados na submissão feminina eram vigentes e declaradamente apoiados pelas instituições como as escolas, igreja e o império. Portanto, além das leis expressarem os hábitos patriarcalistas e ratificarem isso em normas religiosas, a educação incluiu a mulher apenas para dar conhecimentos básicos o suficiente para exercerem o papel de “mães de família”, termo que evoca a submissão do gênero. Para tal função, certos conhecimentos eram dispensáveis, até mesmo na literatura que tanto consumiam em suas leituras, elas não eram evidenciadas. Esse contexto possibilita compreendermos melhor as dificuldades encontradas por uma escritora no século XIX, exatamente nesse meio percebemos que “o discurso sobre o feminino está eivado de um olhar misógeno que Maria Firmina irá se colocar no mundo da escrita e da literatura do século XIX na província do Maranhão” (Silva, 2013, p. 35) ao abordar temas que

ainda eram tidos como tabu como o da escravidão e a submissão das mulheres ao gênero masculino.

Maria Firmina foi uma escritora conhecida em seu estado, no entanto não chegou a ter reconhecimento nacional, não foi sequer citada pela crítica da época. Silva (2013) aponta que o reaparecimento dela ocorreu na década de 70 do século XX em diante. Além de viver distante da província, ela foi mulher e negra, adjetivos que tornam sua obra ainda mais interessante porque indicam as dificuldades enfrentadas pela autora (DUARTE, 2004, p. 267). Cabe salientarmos que nessa década houve uma efervescência dos movimentos feminista e negro no Brasil, porém sua localização a manteve distante dos centros onde essas discussões foram mais fervorosas, como a então capital do Brasil; Rio de Janeiro, mesmo assim, no século XIX preconizava padrões nos quais uma obra de caráter antiescravagista não era interessante.

Em 1975, lançaram uma edição fac-similar de Horácio de Almeida, no mesmo ano é publicado “Maria Firmina, fragmentos de uma vida” de Nascimento de Moraes Filho, obra que além de conter seus poemas publicados nos jornais da época, entrevistas, documentações bibliográficas, também dão contribuições para aquele momento em que a autora “ressurge como símbolo de mulher, negra, maranhense, pioneira das letras brasileiras feitas por mulher” (SILVA, 2013, p. 86). Em 1988, Luiza Lobo revê os pontos abordados por Charles Martin na edição fac-símile de *Úrsula* em 1975. A mais recente recepção crítica da obra de Maria Firmina foi em 2000 com o estudo de Zahidé Muzart Lupinacci (org.) em *Escritoras brasileiras do século XIX*, publicado pela Editora Mulheres em Florianópolis.

Suas atividades fizeram-na reconhecida na sua região como intelectual e cidadã, além dos feitos admiráveis como a fundação de uma escola gratuita e mista em 1880. Ela se aposentou em 1881 e faleceu em 1917 aos 92 anos. Infelizmente são poucos os relatos biográficos a seu respeito, mas suficientes para ser colocada entre as grandes escritoras da literatura brasileira.

Como toda escrita, seu discurso é possuidor de ideologias, mesmo que a atual análise não se proponha a ser biográfica, é possível uma relação entre a literatura e a história em um estudo do discurso literário da autora, algo já proposto quando objetivamos discutir a submissão da mulher em seus escritos. Volóchinov (2017) atenta para o fato de uma produção ideológica além de ser participante de uma realidade natural e social, “-seja ele um corpo físico, um instrumento de

produção ou um produto de consumo- mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91), no entendimento do autor, toda expressão ideológica é possuidora de significação, é representante e substituta de algo fora de si, por isso, é um signo, sem esse signo não pode haver ideologia.

Como forma de exemplificar a citação supracitada, é possível utilizarmos instrumentos de produção como a foice e o martelo que, inseridos em um determinado discurso, deixa de servir apenas para produzir algum produto material e se transformar em um signo ideológico. Nesse caso, há uma espécie de junção, o instrumento em si não é o signo nem vice-versa, mesmo assim, pode se metamorfosear num signo ideológico. A Literatura Romântica com seus clichês era vista como um produto com o objetivo de distrair um determinado público, apesar de ter suas peculiaridades se compararmos a produtos como a foice e o martelo (EAGLETON, 2011). Mesmo assim, é possível percebermos que, em um trabalho de análise no presente século XXI, lidamos também com a impossibilidade de fugirmos do anacronismo à leitura, o feminismo e os movimentos negros no país também estão presentes na academia com arcabouços teóricos tanto capazes de resgatar a potencialidade da história negra e da mulher quanto esclarecendo a impossibilidade da neutralidade também no discurso acadêmico de análise das obras literárias.

Maria Firmina dos Reis com a obra *Úrsula* privilegia a Literatura Brasileira com uma obra capaz de trazer em si o pioneirismo da mulher e da negritude em uma única escrita. É claro o fato da literatura sempre ter uma ideologia inerente a si, independente da intencionalidade dos escritores românticos e o mercado para o qual escreviam. Porém, o anacronismo inerente às novas leituras e interpretações coetâneas permite a construção de interpretações bem mais difíceis de serem feitas na sua época, onde era naturalizada a submissão da mulher e a subserviência negra. Com isso, sua época se mostra pioneira em múltiplos sentidos e além do seu tempo se formos comparar aos clichês adotados na literatura romântica.

Úrsula: a gênese do engajamento de autoria feminina

A literatura brasileira, em meados do século XX, estava ainda muito apegada aos moldes europeus, mesmo que buscassem expressar

um nacionalismo exacerbado, conseqüentemente numa fase de transição com o pensamento cultural eurocêntrico para a criação de uma identidade brasileira, nada obstante, ainda pautada em uma estética europeia. Nesse cenário, “temos vários autores negros que não conseguiram se impor diante das representações sociais de sua etnia e representaram os negros de forma estereotipada” (OLIVEIRA, 2007, p. 95).

A Europa, na época, era vista como padrão a ser seguido e o Brasil ainda não tinha desenvolvido ideologicamente uma estética negra em sua literatura, por isso, era difícil representar a África de uma maneira positiva. O romance *Úrsula* foge de vários estereótipos como veremos no decorrer da investigação, um deles é a tentativa de resgate do ponto de vista interno dos negros, ou seja, da perspectiva dos escravizados. Tais inovações justificam a exigência de *Úrsula* como um dos romances mais inovadores (ou o mais) do romantismo no Brasil. No tocante às personagens femininas, podemos identificar críticas pertinentes à opressão sofrida por elas, embora não haja maiores reivindicações, encontramos reclamações dos abusos de poder do sistema patriarcalista, isso já representa um avanço ideológico para o contexto da época.

Na tendência romântica da literatura da época, era trivial a descrição de paisagens, narrando os campos, o clima, os animais, tudo que pudesse expressar a beleza da pátria recém-nascida e carente de um espírito nacionalista enraizado na consciência do povo, por isso, a literatura se fez ativa na campanha pela construção de uma identidade nacional (SILVA, 2013).

O romance *Úrsula* apresenta, na assinatura da autora, uma procura por mais liberdade na escrita, pois em 1859, Maria Firmina dos Reis usa o pseudônimo “uma maranhense” ao publicar sua obra, algo que não esconde o gênero da autora, mas que poderia ocultar a cor da pele de quem escrevia, característica que poderia ser uma preocupação da escritora em uma época em que a inferioridade dos negros era defendida até mesmo nos meios acadêmicos.

No prólogo do romance, encontramos um pedido de desculpas da literata, ao chamar a obra de “Mesquinho e humilde livro” (REIS, 2004, p. 13). Podemos aventar a possibilidade da fala da autora se resguardar das críticas, afirmando que “seu cabedal intelectual é quase nulo” (2004, p. 13), uma falsa modéstia que traz nas entrelinhas não somente uma condição social, mas também a posição inferiorizada que a mulher ocupava na época (REIS, 2004).

Duarte (2004) nos alerta para o fato de que, em 1859, a prosa de ficção ainda era algo novo no Brasil, nesse contexto é notável o pioneirismo de Firmina dos Reis ao denunciar “injustiças há séculos arraigadas na sociedade patriarcal brasileira e que tinham no escravo e na mulher suas principais vítimas” (REIS, 2004, p. 13). Hoje, sabemos que há uma vasta produção de autoria feminina no século XIX que foi empurrada para o ostracismo, mas depois de tantos resgates da autoria feminina, a época em que *Úrsula* foi publicada não registra narrativas com suas peculiaridades, seja de autoria feminina ou masculina, já que ela traz a versão do negro a respeito da escravidão, além das personagens femininas revelarem, em seus discursos, o despotismo sofrido pelos homens, algo atípico para o seu momento e até mesmo nas décadas seguintes (SILVA, 2013).

A narrativa começa com o encontro de Túlio com Tancredo, este um rapaz de família rica, instruído academicamente e desiludido por Adelaide, mulher por quem se apaixonou, porém, após marcarem um casamento, quando ele volta de viagem, ela está casada com o pai dele, isso o fez levantar a desconfiança que o enlace entre os dois foi causa da morte da Mãe de Tancredo, aquele um escravo, todavia era bom; “a escravidão não lhe embrutecera a alma” (REIS, 2004, p. 23), passagem que desconstrói o estereótipo do escravo perigoso, ideia predominante na época. Sua Dona, Luísa B. e Úrsula acabaram recebendo o jovem em casa, o qual se encontrava gravemente ferido. Após uma queda de cavalo, ele foi levado por Túlio à casa dos seus donos. Durante os dias de recuperação ficou sob os cuidados de Úrsula, por quem se apaixonou aos moldes da estética romântica.

Em compensação por ter livrado Tancredo da morte, Túlio recebe uma quantia em dinheiro daquele para comprar a sua alforria, em agradecimento promete segui-lo e protegê-lo. Susana, também escrava de Luísa B., avisa ao negro que o mesmo não irá conquistar a verdadeira liberdade em um país escravagista, “- tu! Tu livre? Ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meus filho, tu és livre?...” (REIS, 2004, p. 114).

No desdobrar da narrativa, o irmão de Luísa B., Fernando P., almeja desposar Úrsula. O mesmo foi responsável pela morte do pai dela e os sofrimentos da mãe de Úrsula. Sua irmã, doente acaba falecendo, a filha dela foge com Tancredo para um convento onde acaba se casando com ele, enquanto isso, Túlio é preso por Fernando P., mas consegue fugir e finta morto ao tentar avisar Tancredo e Úrsula da emboscada.

Mesmo assim, Túlio também acaba morto por Fernando P., Úrsula também falece após enlouquecer, Fernando P. com o impacto da morte de Úrsula se torna monge e passa a se chamar Frei Luís de Santa Úrsula, residindo no mesmo convento em que ela se casou. Ele morre ainda apaixonado por ela; “– Ela?!... Ela morreu amaldiçoando-mell!... A infeliz enlouqueceu de dor, e eu não a pude salvar!... Meu padre – continuou – eu a vi no sepulcro, e não sei como não morri então?” (REIS, 2004, p. 235).

Enquanto isso, Adelaide enviuvou e o segundo casamento foi infeliz. “Seu primeiro esposo era já morto, envenenado por acerbos desgostos” (REIS, 2004, p. 236). Depois disso, “casou segunda vez e o novo esposo, que não amava a sua deslumbrante beleza, a arrastou de aflição em aflição até o desespero” (REIS, 2004, p. 237), tristezas que a fizeram buscar o suicídio.

É curioso observarmos que a autora busca fazer parte da estética romântica da época, através das descrições de cenários paradisíacos, outrossim respeitando a norma culta, isso a ponto das falas dos escravos terem o mesmo vocabulário de uma personagem academicamente instruída, destarte as variações linguísticas não são levadas em conta por Maria Firmina. Essa característica não representa demérito algum se levarmos em conta que os autores da época não tinham esse costume, uma vez que a filtragem dos níveis das falas só iria emergir no século XX com o advento do modernismo e os avanços dos estudos linguísticos.

A obediência de Firmina dos Reis aos padrões românticos não é tão rígida quanto parece, se levarmos em questão os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade defendidos pelos aristocratas, porque ela revela um desnível nas relações de cor e gênero em detrimento da ideia de unidade nacional defendida pelos escritores que a antecederam e os que surgiriam nas próximas décadas, por conseguinte; “apesar de estar estruturado de acordo com o código da época, rompe com a suposta unidade nacional, ao exibir situações que deveriam ser omitidas” (OLIVEIRA, 2007, p. 97).

No decorrer da obra, há passagens que acusam a obediência ideológica das mulheres às normas patriarcais, apesar disso, encontramos trechos que fogem dos parâmetros sociais da época. No primeiro capítulo, “Duas almas generosas”, Túlio leva Tancredo à beira da morte à casa de Luísa B., onde também moravam Úrsula e a escrava Susana. No cenário da época, as mulheres eram escondidas em casa para evitar contato com estranhos, pois recebê-los seria uma ameaça à honra de

uma mulher (OLIVEIRA, 2007, p. 75). Esse momento revela não somente uma transgressão das normas sociais coetâneas, mas também a compreensão de que o fato da mulher ter diálogos com homens estranhos não manchará sua honra, ao contrário, o texto exaltou o ato de nobreza com um desconhecido.

-Ah! Senhora, como sois boa! Quem quer que sejais, aceitai meus sinceros agradecimentos pelo generoso interesse que mostrais por um infeliz desconhecido.

-Silêncio, - animou-se ela a dizer, corando muito – não tendes febre? Perdoai-me; mas eu não consinto que faleis.

-Oh! – exclamou ele – tanta bondade me confunde. Deixai ao menos agradecer-vos; mais tarde submeter-me-ei com gosto às vossas determinações.

-Agradecer-me? Interrogou Úrsula com voz um pouco comovida – que voz hei eu feito que mereça o vosso reconhecimento? Pelo céu, nem faleis nisso; e em seus grandes olhos errou uma lágrima (REIS, 2004, p. 36).

Outro ponto pertinente para apontarmos no romance é a participação destrutiva do gênero masculino no cotidiano feminino. Luísa B. era odiada por Fernando P., seu irmão, além das tristezas que seu marido, Paulo B., a fez passar, como demonstra o texto: “Paulo B... não soube compreender a grandeza do meu amor, cumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões” (REIS, 2004, p. 102). Se o nascimento de Úrsula abrandou a tirania do seu marido, Fernando P. o assassinou, relegando à sua irmã a uma vida economicamente simplória e traumática: “E ele teria sido bom; sua regeneração tornar-se-ia completa, se o ferro do assassino lhe não tivesse cortado em meio a existência!” (2004, p. 102).

O pai de Tancredo expressa atos tão maldosos quanto os de Fernando P. e Paulo B., pois a relação entre ela e a Mãe de Tancredo era permeada por subordinação, resignação e sofrimento: “É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio e resignava-se com sublime brandura” (REIS, 2004, p. 60). O estudo de Oliveira (2007) elucida que a única vez na qual ela enfrentou o marido foi para realizar um pedido do filho de se casar com Adelaide, órfã e sobrinha da Mãe de

Tancredo, no entanto, ela viu negado o único pedido que fez em toda vida, esse fragmento da narrativa expressa acusações contra ele ao reclamar abertamente da submissão a qual estava sujeita;

Perdoai-me... mas tanto tenho sofrido; tantas lágrimas me têm sulcado o rosto desfeito pelos pesares; tanta dor me tem amargurado a alma, que estas palavras, nascidas do íntimo do peito, pungentes, como toda a minha existência, não vos podem ofender. Arranca-as, senhor, dos abismos da minha alma; a agonia lenta, que nela têm gerado o desprezo e o desamor com que me tendes tratado! (REIS, 2004, p. 65-66).

A esses exemplos supracitados, podemos acrescentar o caso de Adelaide, que, embora casada com o pai de Tancredo, sofreu com as maldições do marido que a culpava pela sua família que foi desfeita, após a morte do esposo, sofreu com o segundo casamento, os dissabores da relação a fez buscar o suicídio, mesmo sendo uma personagem má, também se mostrou vítima da tirania patriarcalista.

Seu primeiro esposo era já morto, envenenado por acerbos desgostos. Ela ludibriara o decrepito velho, que a roubara ao filho; e ele em seus momentos de ciúme impotente amaldiçoava a hora em que a amara.

Ela depois também chorou, e chorou muito; porque as dores, que o céu lhe enviou, foram bem graves. Casou segunda vez e o novo esposo, que não amava a sua deslumbrante beleza, a arrastou de aflição até o desespero. (REIS, 2004, p. 236-237)

O contexto do século XIX auxilia na compreensão de certos valores encontrados no texto. Oliveira (2007) aponta que as mães e as escravas ficavam encarregadas da educação dos filhos da elite, no entanto, não detinham autoridade alguma, o que resultou em gerações que desconheciam limites, “perpetuando assim o ciclo da dominação sobre os negros e as mulheres” (2007, p. 80). O mesmo autor comenta que o argumento utilizado por quem defendia o acesso das mulheres à educação era exatamente a ideia de estarem preparadas para cuidar dos filhos, pois a falta de uma capacitação poderia prejudicar seu desempenho nas funções maternais. Quando Tancredo pede autorização para casar com Adelaide, o primeiro pretexto para ele negar o pedido foi o fato dela ser uma órfã, revelando-nos um sentido crucial do

matrimônio para a época, uma união de famílias abastadas, conchavos nos quais a mulher era o selo de tal união. Ele também argumenta ao filho que ela ainda não está instruída para exercer o papel de esposa;

- Vês, meu filho – continuou – Adelaide é apenas uma criança; é tão nova... tão pouco conheces suas qualidades que...

- mas, meu pai! – interrompi-o – que dotes faltam ao espírito de Adelaide? Não a tem educado minha mãe!

Franziu ligeiramente os supercílios, e disse: - sua educação não está completa... (REIS, 2004, p.74).

As falas podem ser interpretadas como denúncias, todavia, em nenhum momento a autoridade patriarcal é desconstruída, e sim, o abuso dela.

- Qualquer que seja a impressão que a meu pai possam causar minhas palavras, - disse a minha mãe – Adelaide há de ser minha.

Ela, olhando-me com severidade redargüiu:

- Tancredo, não chames sobre ti a cólera do teu pai. Oh! Deus não protege a quem se opõe à vontade paterna! (REIS, 2004, p. 63).

A pena de Maria Firmina não excluiu o sofrimento da mulher negra, no capítulo IX; “A preta Susana”, ela relata ao jovem Túlio todo sofrimento ao qual foi submetida quando foi raptada na África, afastada de sua família e escravizada pelas mãos de homens que a maltrataram, o primeiro foi Fernando P. que a fez sofrer ao ver o sofrimento dos seus irmãos negros e ser também castigada como eles; “E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça” (REIS, 2004, p. 118).

O casamento de Luísa B. fez Susana ter outro senhor que também não a poupou de sofrimentos; “Seu marido era um homem mau, e eu suportei em silêncio o peso do seu rigor” (2004, p. 118). Somente quando ficou nas mãos de duas mulheres é que recebeu um tratamento mais ameno. Sua tristeza com os horrores sofridos pela escravidão é somada à saudade de sua família. Vale ressaltar que esse trecho foi escrito num momento histórico no qual os negros eram vistos como bárbaros. Essa posição é relegada aos brancos traficantes de escravos, havendo no caso uma inversão de estereótipos atípica para a época: “E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, essa filha

tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade!” (REIS, 2004, p. 115).

Por fim, ela é interrogada por Fernando P., que acaba maltratando-a até a morte. Susana em nenhum momento colaborou para que ele encontrasse Úrsula e Tancredo, na ótica de Silva (2013): “Os escravos firminianos, mesmo sendo vítimas de várias vilanias, mantinham seu caráter inalterados e eram gratos com aqueles que se mostravam bondosos e generosos para com eles” (SILVA, 2013, p. 145).

Toda sua escrita nos expõe o diferencial do seu lugar de fala, Beauvoir (1980) nos traz a condição do *outro* em sua obra, exemplificando com a dialética hegeliana entre os escravizados e seus autointitulados donos, após isso, afirma que essa é a mesma posição o toma em relação à mulher, exigindo submissão total caso o sistema social permita, assim, mostra-nos que a mulher não é definida pelo olhar masculino, pelo outro, ficando excluído o olhar sobre si. Djamila Ribeiro em *Lugar de fala* (2019) afirma que o lugar da mulher negra é ainda mais complexo de ser auto afirmado, uma vez que é o *outro* do *outro*, pois “mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca, uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade” (2019, p. 38).

Essa realidade nos traz a importância da obra *Úrsula* em (2004) inúmeros pontos, tanto a fortuna crítica e literária, quanto à importância de uma escritora negra figurar entre os cânones da literatura para alunos e alunas negras, uma vez que estamos falando de mais de 50% da população brasileira segundo o último Censo do IBGE, pois raramente veem mulheres negras nos livros didáticos, mas veem nos livros de história como subservientes e escravizadas, além da obra também ter o potencial de discutir questões de gêneros em uma temática estética romântica. Todo esse potencial justifica a importância da obra e a necessidade de ser analisada e interpretada perante as novas demandas das minorias em nosso contexto brasileiro e até mesmo mundial.

Considerações finais

Após décadas no ostracismo, a escritora Maria Firmina dos Reis é resgatada nos anos 70 do século XX. Desde então o interesse pela sua obra vem crescendo gradativamente, seu destaque não é apenas ter sido uma autora em pleno século XIX, mas também uma mulher negra que deixou na sua escrita uma visão da escravidão na ótica do homem negro

e da mulher negra, algo inovador para a época. O presente artigo se deteve a analisar o romance *Úrsula* (2004), publicado em 1859, algo que apenas aumenta o fascínio sobre a obra, levando em conta a opressão que pairava sobre os negros e as mulheres na época, algo que sua escrita deixa transparecer em meio às tendências narrativas da literatura romântica.

As mulheres representadas no romance possuem uma pureza típica do momento literário romântico que os meios intelectuais lutavam para firmar, no entanto, uma leitura mais apurada nos revela a indignação por parte das mesmas, algo que não chega ao ponto de reivindicar o fim da autoridade patriarcal, mas que denuncia seus abusos. Seria incorrer em anacronismos desnecessários exigir que a narrativas possuíssem tais adjetivos, contudo, as entrelinhas permitem reflexões à frente de seu tempo, se partes do discurso patriarcalista estão inseridos na narrativa, isso é algo compreensível para a época da publicação e o público leitor ao qual a obra está voltada, independente desses pormenores.

Úrsula se insere entre as obras mais significativas do século XIX, dado seu caráter denunciativo da opressão que caía sobre os negros e as mulheres, algo pioneiro em 1859, ação compreendida também como um convite para que outras escritoras traçassem caminhos semelhantes, mensagem que a escrita da autora revela no prólogo da obra ao pedir uma boa recepção do público e possivelmente da crítica, para “dar alento à autora de seus dias” (REIS, 2004, p. 14) para que “sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós” (REIS, 2004, p. 14).

As mulheres que aparecem no decorrer da narrativa, Luísa B., *Úrsula*, Adelaide e Susana, são todas vítimas dos abusos patriarcais e acabam mortas, os algozes, Pai de Tancredo, Fernando P. e Paulo B., também morrem, mas impõem suas autoridades de forma abusiva durante toda a narrativa. O sofrimento imposto às mulheres, sejam negras ou brancas, de forma violenta na escrita de Maria Firmina, expõe as agruras sofridas pelo gênero feminino. Essa desconstrução de estereótipos revela uma obra de ruptura em plena construção da identidade nacional, desnudando as desigualdades que imperavam com todo vigor.

A breve análise da obra demonstra seu caráter atual, denunciativo e engajado com as demandas sociais do século XXI, uma vez que os movimentos feministas negros têm a preocupação de resgatar

autores e autoras negras relegadas ao ostracismo, mostrando que a história do povo negro não se restringe à escravização como a história oficial defendeu por tanto tempo. Para a construção do presente discurso damos destaque à Duarte (2004), Oliveira (2007), Silva (2013) e Ribeiro (2019), pois contribuíram significativamente para examinarmos a escrita de Maria Firmina dos Reis e expormos a extrema validade de sua fortuna crítica.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá. Eduem, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. Posfácio, p. 275. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Atualização e texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Ed. Mulheres. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. Coimbra. Edições Almedina, 2006.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. **Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Atualização e texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Ed. Mulheres. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

RIBEIRO, Djamilá. **Lugar de fala**. São Paulo. Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo. Editora 34, 2017.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo. Tordesilhas, 2014.